

# PADRE ANTÓNIO VIEIRA

---

SERMÕES DO ADVENTO,  
DO NATAL E DA EPIFANIA

TEMAS E DEBATES

# PADRE ANTÓNIO VIEIRA

---

## SERMÕES DO ADVENTO, DO NATAL E DA EPIFANIA

### DIREÇÃO

JOSÉ EDUARDO FRANCO • PEDRO CALAFATE

### COORDENAÇÃO

JOÃO FRANCISCO MARQUES

### INTRODUÇÃO E ANOTAÇÃO

JOÃO FRANCISCO MARQUES

### VERSÃO E ANOTAÇÃO DOS TEXTOS LATINOS

JOÃO FRANCISCO MARQUES  
JOSÉ CARLOS LOPES DE MIRANDA

TEMAS E DEBATES

# A OBRA PARENÉTICA DE VIEIRA

Ainda que os autógrafos dos discursos parenéticos do Padre António Vieira tenham desaparecido, os *Sermoens*, por si escritos e preparados para impressão definitiva, avultam como um tesouro cultural e religioso único. Não deixa, porém, de intrigar que, no juízo do pregador, glória cimeira da Companhia de Jesus em Portugal, essas joias literárias destinadas prioritariamente à oralidade do púlpito, o mais influente meio de comunicação da época, fossem tidas por discursos vulgares, isto é, “choupanas”, se postas ao lado dos “palácios altíssimos”, como a *Clavis Prophetarum*, que o seu génio de visionário utópico foi elaborando até a morte o levar<sup>1</sup>.

## FORMAÇÃO HUMANISTA DE VIEIRA

Na Baía, onde em 1614, com seis anos de idade, desembarcara com a família, ida de Lisboa, sua terra natal, frequentou o Colégio dos Jesuítas da cidade, em que recebeu uma sólida formação humanística e teológica<sup>2</sup>. Antes de ser ordenado Presbítero, começou a dedicar-se ao ministério da pregação para o que mostrou raros dotes. Aproveitando a liberdade de que gozava a tribuna sagrada, proferiu: a 6 de março de 1633, quarta domingo da Quaresma, na Igreja da Conceição da Praia, estando a colónia em luta contra o ocupante holandês, uma parénese vibrante de patriótico zelo<sup>3</sup>; a 21 de junho, na devota celebração mariana da Irman-

1 Cf. Carta de 27 de junho de 1696 a Sebastião de Matos e Sousa, publicada no t. I, vol. IV, *Obra Completa Padre António Vieira*, dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate, s.l., Círculo de Leitores, 2013.

2 Ver André de Barros, *Vida do Padre António Vieira*, Lisboa, Editores J. M. C. Seabra e T. Q. Antunes, 1858, pp. 3-11; João Lúcio de Azevedo, *História de António Vieira. Com factos e documentos novos*, vol. I, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918, pp. 9-35.

3 Padre António Vieira, *Sermoens*, vol. XII, Lisboa, Miguel Deslandes, 1699, pp. 133-147; João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. I, pp. 37-38.

dade dos escravos pretos de um engenho de açúcar do arrabalde baiano de Arrupe, uma emotiva pregação em que lamenta o duríssimo trabalho dos indígenas<sup>4</sup>, a que se ajusta por inteiro o que disse a encerrar a última do Rosário, datada de 1686, a pedir que todos ouvissem, considerassem e meditassem, “devagar, as forças deste fortíssimo Sermão, e as evidências deste invencível Discurso”<sup>5</sup>; a 20 de janeiro de 1634, algures na área estadual da Baía, uma oração a S. Sebastião<sup>6</sup> de ambíguo doutrinário sebastianista, na qual sublinha o descrédito da interpretação tradicionalista do *Encoberto* libertador da pátria<sup>7</sup>, mas deixando entender velado encorajamento à crença bandarrista na próxima chegada de um rebento régio da legítima cepa dinástica lusa<sup>8</sup>.

No entanto, nestas primícias oratórias – precedidas, com certeza, por outras intervenções domésticas para os religiosos da sua comunidade, à semelhança do “Sermão do Nascimento do Menino Deus”, onde se realçam as finalidades da arte de pregar<sup>9</sup> – configura-se em corpo inteiro o *ethos* inconfundível de Vieira-pregador: o homem de ação interventivo, de palavras sem algemas ou tibiezas, de recorte retórico sedutor, de convincente sumo doutrinário. Atente-se, contudo, que, mais de dúzia e meia de anos atrás, andava o inaciano pelos dezasseis, nele irrompera a veia fulgurante do escritor, ao narrar a arremetida violenta dos batavos a São Salvador da Baía, na carta de 30 de setembro de 1626, redigida por comissão do Vice-Provincial e destinada à Cúria generalícia de Roma, conforme obrigação a cumprir anualmente por cada província da Companhia de Jesus de qualquer espaço nacional<sup>10</sup>. Assim, eloquentemente, se testemunhava a eficácia do ensino jesuítico da *Ratio studiorum* – a famosa “carta pedagógica” da ordem, elaborada a partir de 1586, decorridas três décadas após a morte de Inácio de Loyola, e com versão fixada em definitivo no findar do século. Ressalta esse texto académico o tirocínio da palavra escrita e oral, instrumento privilegiado para a evangelização que, na altura, se abria com ostensivo recorte em várias frentes: os continentes africano, asiático e ameríndio, nos espaços resultantes da descoberta e ocupação dos países ibéricos; o embate polémico com os reformados protestantes; a recristianização

4 *Idem*, “Sermão XIV do Rosário”, in *Maria Rosa Mystica: Sermoens*, vol. IX, Lisboa, Miguel Deslandes, 1686, pp. 484-521.

5 *Ibidem*, p. 518.

6 *Idem*, *Sermoens*, vol. XIV, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1710, pp. 189-205.

7 Margarida Vieira Mendes, *A oratória sacra de Vieira*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989, p. 397; João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. I, pp. 38-40.

8 João Francisco Marques, *A parenética portuguesa e a dominação filipina*, 2.ª ed., Lisboa, INCM, 2010, pp. 378-384.

9 Padre António Vieira, *Sermões*, vol. XV, Lisboa, Manoel da Sylva, 1748, pp. 48-69.

10 Cf. Carta de 30 de setembro de 1626 ao Geral da Companhia de Jesus, publicada no t. I, vol. I, *Obra Completa Padre António Vieira*, *op. cit.*, 2013.

moral e espiritual da latinidade europeia; a formação católica de elites intelectuais e sociopolíticas como a modernidade requeria.

O ensino ministrado pelos inicianos, em inteira sintonia com a pastoral renovadora saída da Contrarreforma, empenhava-se, de facto, em salientar o estudo das humanidades, em particular da retórica, ao longo de currículos de vários anos. Para além do domínio perfeito da língua mãe e do latim, idioma da liturgia católica ocidental e da *República das Letras* do velho continente, proporcionava ainda o cultivo do grego, o conhecimento aprofundado da história e de autores da Antiguidade Clássica, da filosofia escolástica de medula tomista, bem como a aquisição de um eruditismo científico, a englobar a matemática, a geografia e a astronomia, sendo que a preparação dos candidatos ao sacerdócio se traduzia por um sólido saber teológico<sup>11</sup>. A atenção dada ao ensino da retórica passava pelo contacto com textualidades exemplificativas, em que o *De Oratore* de Cícero e a obra *Institutiones Oratoriae* de Quintiliano imperavam, estendendo-se à *De Doctrina Christiana* de Santo Agostinho e *De Arte Rethorica* de Cipriano Suarez, mestre do Colégio das Artes de Coimbra, e à *Ecclesiasticae Rethoricae* de Fr. Luís de Granada. A finalidade era criar futuros executantes verdadeiramente convincentes na transmissão da palavra de Deus em seus ministérios pastorais. Exigiam-no os tempos coevos e preceituavam-no as intenções anunciadas por Inácio de Loyola, quando, de Roma, na carta de 22 de setembro de 1551 para Alberto V, Duque da Baviera, informava: “os professores de humanidades [...] ensinarão à juventude o latim, o grego e o hebreu, em cursos e com exercícios escolares e os formarão na piedade pela pregação, pela prática dos sacramentos e também pelo exemplo de sua vida [...], porque é regra de nossos colégios não pôr menos cuidado em formar para a vida do que em levar a adquirir ciência”<sup>12</sup>.

A que, para os destinados à evangelização, se viria a acrescentar a aprendizagem de línguas indígenas das terras de missão<sup>13</sup>. A fundação dos colégios escolares destinados à formação do *homo christianus*, instruído para ser na sociedade espelho genuíno da fé católica, ganha, pois, todo o sentido no pensamento dos mentores das *Constituições* inicianas, como se lê no texto de 1556: “Siendo el scopo que derechamente pretiende, la compañía, ayudar las ánimas suyas y de sus próximos a conseguir el ultimo fin para que fueron criados, y para esto, ultra del exemplo de vida, siendo necessaria doctrina y modo de proponerla, después que se viere en ellos el fundamento devido de la abnegación de

11 João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. I, pp. 19-35.

12 Ignace de Loyola, *Écrits*, Paris, Desclée de Brouwer, 1991, p. 800.

13 João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. I, p. 15.

si mismos y aprovechamiento en las virtudes que se requiere, será de procurar el edificio de letras y el modo de usar dellas para ayudar a más conocer a Dios nuestro Criador y Sõr. Para esto abraza la Compañia los colegios, y también algunas Universidades [...]”<sup>14</sup>. Orientação pragmática que seria rigorosamente respeitada pelos inicianos responsáveis pelo crescimento e identidade da ordem, cuja divisa *Ad maiorem gloriam Dei* constituiria o fermento de toda a sua ação apostólica.

A propósito do contexto histórico-pedagógico e cultural de então, André Collinot e Francine Mazière lembram com pertinência: “Au XVI<sup>e</sup> siècle, nul ne doute que le latin soit la langue de l’enseignement. On alphabétise sur les textes pieux, on éduque à partir des auteurs anciens. Le latin est la langue des Écritures, que la Réforme oblige à relire, et que les humanistes imposent de relire “bien”. Mais c’est aussi la langue des textes anciens, qui sont des modèles d’efficacité persuasive”<sup>15</sup>.

Importava, por isso, que a aprendizagem retórica – *ars dicendi et loquendi* – dos colegiais da aula jesuítica fosse conduzida pelo professor em ligação estrita ao texto dado como exemplo. A denominada *praelectio*, que correspondia à leitura e comentário do trecho literário escolhido, facultava a definição, segundo Quintiliano, da *inventio* (pensar o que se pretende dizer), da *dispositio* (ordenar o que irá dizer) e da *elocutio* (escolher a forma em que o dirá), sendo que as etapas imediatas a percorrer pertenceriam à memorização e à emissão do discurso oratório<sup>16</sup>. Seguiu-se o exercício escrito e oral pessoalizados em que o aluno se adestrava a demonstrar como assimilara o modelo estudado<sup>17</sup>. Recomendavam as *Constituições* que um dos mais adiantados “uma vez por semana depois da refeição” fizesse um sermão “sobre um tema edificante” para internos e externos, a fim de se estimular “talentos iguais”<sup>18</sup>. O refeitório e a capela eram os recintos comunitários do colégio mais

14 Citado por Aníbal Pinto de Castro, “Lançar tapete em S. Roque para ouvir o Padre Vieira”, in *Magnum Miraculum est homo. José Vitorino de Pina Martins e o Humanismo*, coord. Maria das Graças Moreira de Sá, Isabel Almeida, Cristina Sobral, Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2008, p. 62.

“Sendo o desígnio, que diretamente pretende a Companhia, ajudar as suas almas e dos seus próximos a conseguir o fim último para que foram criados, e para isto, para além do exemplo de vida, sendo necessária doutrina e modo de apresentá-la, depois que se vir neles o fundamento devido da abnegação de si mesmos e o aperfeiçoamento nas virtudes que são requeridas, será de procurar o edifício das letras e o modo de usá-las para ajudar a melhor conhecer Deus, nosso Criador e Senhor. Para isto abraça a companhia os colégios e também algumas Universidades”. Tradução nossa.

15 André Collinot, Francine Mazière, *L’exercice de la parole. Fragments d’une rhétorique jésuite*, Paris, Éditions des Cendres, 1987, p. 39. “No século XVI, ninguém duvida que o latim seja a língua do ensino. Alfabetiza-se com base nos textos de devoção, educa-se a partir dos autores antigos. O latim é a língua das Escrituras, que a Reforma obriga a reler e que os humanistas impõem que se releiam ‘bem’. Mas é também a língua dos textos antigos, que são modelos de eficácia persuasiva”. Tradução nossa. Ver Santo Inácio de Loyola, *Constituições da Companhia de Jesus*, Lisboa, s.n., 1975, pp. 136-137 [351].

16 André de Barros, *op. cit.*, p. 8; João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. 1, p. 20.

17 Ignace de Loyola, *op. cit.*, pp. 136-145 [351-391].

18 *Ibidem*, p. 143 [381, 383].

próprios para essa recitação pública, espaços propícios a graduar os timbres da voz e as expressões gestuais<sup>19</sup>, bem como a provar “conhecimentos intelectuais, zelo religioso e capacidade oratória”, necessários, como adverte o jesuíta P.<sup>e</sup> Jouveney, pedagogo seiscentista, no manual de retórica eclesiástica *De ratione discendi et docendi*, para persuadir auditórios exigentes e de dura cerviz<sup>20</sup>. O forte impacto que, no Barroco, tinha o teatro – *imago mundi*, com o mundo por palco e os homens por figurantes –, nos colégios inacianos, proporcionava aos escolares desempenhos nas representações edificantes integradas em procissões festivas ou penitenciais, onde as palavras e as expressões dramáticas não escasseavam<sup>21</sup>. Tais ensejos funcionariam, assim, como rampas de aprendizagem para atuações nos púlpitos.

### VIEIRA ORADOR

O Padre António Vieira, então em idade avançada, ao afirmar, no “Sermão do Beato Estanislau Kostka” (1674), que “o Orador se faz, e o Poeta nasce”<sup>22</sup>, repetira precisamente o que, em 1633, dissera no “Sermão do Nascimento do Menino Deus”, quando citou o antigo provérbio latino: *Poeta nascitur, Orator fit*<sup>23</sup>. Nada mais exato ao falar de si. De resto, foi no ambiente académico do Colégio da Baía, nos contextos acima esboçados, que, entre 1618 e 1635, com passagem por Olinda, de dezoito anos feitos e docente de retórica, se formou o insigne pregador<sup>24</sup>. Servido por uma inteligência prodigiosa e dotes invulgares de loquacidade, pôde assimilar ao máximo o suculento ensino que lhe ia sendo ministrado, e de que a sua obra parenética constitui imorredoiro monumento.

O melhor retrato de cada um, enfatizou Vieira, é o que escreve<sup>25</sup>. Em nossos dias, Maria Gabriela Llansol, ao dirigir-se a Vergílio Ferreira, dirá: “o nosso nome é escrever”<sup>26</sup>. Por sua vez, sem distorção semântica, Vieira poderia declarar: o nosso nome é pregar. Com efeito, contíguas, se não convergentes, acabam por ser as missões do escritor e do orador sagrado. O impresso e a palavra têm por destinatário o *outro*, o público, cuja sensibilidade e razão procuram tocar. A parenética, na formatação de um discurso oral – doutrinário, apologético, gratulatório e panegírico –,

19 João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. 1, p. 25.

20 André Collinot, Francine Mazière, *op. cit.*, p. 46.

21 João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. 1, pp. 16-17.

22 Padre António Vieira, *Sermoens*, vol. XI, Lisboa, Miguel Deslandes, 1696, p. 255.

23 *Idem*, *Sermões*, *op. cit.*, vol. XV, p. 50.

24 André de Barros, *op. cit.*, pp. 8-9; João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. 1, p. 31.

25 Citado por Margarida Vieira Mendes, *op. cit.*, p. 247.

26 João Barrento, “Maria Gabriela Llansol: Mentos e Sementes”, in *Jornal de Letras*, XXIII, n.º 1093 (Lisboa, 22 de agosto a 4 de setembro 2012), p. 10.

destina-se a ensinar (*docere*), deleitar (*delectare*) e persuadir (*movere*); pelo que a eloquência do púlpito, assente na comunicação oral, consiste substantivamente na retórica da palavra, veiculando a revelação divina. Consciente da sua missão profética, o pregador assume-se porta-voz de Deus, essoutro “infinito e misterioso silêncio”. No citado “Sermão do Nascimento do Menino Deus”, lembra que a *dispositio* do discurso sagrado corresponde às operações *ad extra* das pessoas da Santíssima Trindade: “o Filho ensinando, o Espírito Santo deleitando, e o Padre movendo: assim, depois que o Verbo se vestiu da natureza humana, se reuniram todas três na Humanidade de Cristo [...]”<sup>27</sup>.

Na colónia brasílica, o anúncio da palavra de Deus era feito *intra muros* do burgo e nos aldeamentos circunvizinhos dos colégios, como o da Baía, por onde, no decurso do noviciado, os estudantes jesuítas exerciam a catequese e a pregação emotiva. Constitui elucidativo testemunho o descrito por Vieira na “Exortação Doméstica” em véspera da festa da Visitação de Nossa Senhora, 1 de julho de 1688, na capela interior do Colégio da Baía: “Entrando pelas Vilas, e Lugares [os noviços] convocam os meninos, e gente rude, vão às Igrejas, ou Ermidas, sobem ao Púlpito; primeiro que tudo ensinam a doutrina Cristã, logo falam temerosamente da morte, do juízo, e do Inferno, bradando com vozes ainda delgadas contra os pecados; e para quê? Para o que se experimenta comumente nos ouvintes; porque ouvindo-os daquela idade se enternecem, e eles os persuadem tanto com as suas palavras, como com a sua modéstia, e exemplo”<sup>28</sup>. O *ethos* do orador e o *pathos* do auditório espelham aqui o que seria, na época, a “pastoral do medo”, descrita à saciedade pelo historiador Jean Delumeau com múltiplos contornos de impressionante verismo<sup>29</sup>.

Na vida da Igreja, por mandato de Cristo aos apóstolos, como mensageiros do Evangelho, a anunciar a Boa Nova salvífica, o *logos* feito ação vai refletir a eficácia no *pathos* dos ouvintes, visível nas mudanças espirituais e morais neles operadas pela graça divina. Mas o *ethos* do pregador que Vieira enfatiza no “Sermão da Sexagésima”, patente na simbiose entre a verdade da palavra e a correlativa coerência de vida, revela-se igualmente indispensável<sup>30</sup>. O que do alto da tribuna sagrada proclama, arrostando muitas vezes rigorosos entraves coercivos do poder secular, é imperado por ordem divina<sup>31</sup>. Tal carisma outorga-lhe

27 Padre António Vieira, *Sermões*, *op. cit.*, vol. XV, p. 51.

28 *Idem*, *Sermoens*, vol. VI, Lisboa, Miguel Deslandes, 1690, p. 545.

29 Jean Delumeau, *La peur en occident (XVI<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècles)*. Une cité assiégée, Paris, Librairie Arthème Fayard, 1978, pp. 23, 213-225.

30 Padre António Vieira, *Sermoens*, vol. I, Lisboa, João da Costa, 1679, pp. 1-86.

31 Mt 23, 19-20.

a liberdade necessária para o desempenho do seu alto ministério, pois o discípulo de Cristo, mesmo nas circunstâncias adversas, está consciente de que “mais importante é obedecer a Deus que aos homens”<sup>32</sup>. Como arauto do Evangelho, lembra S. Paulo ao discípulo Timóteo: “proclama a palavra, insiste no tempo oportuno e no inoportuno, refuta, ameaça, exorta, suplica com toda a paciência e doutrina. Pois virá tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; que muitos não suportam, levados pelos seus desejos [...]. Desviarão os ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas”<sup>33</sup>.

Não era outra a linguagem do profeta Isaías, certo de que, como porta-voz de Deus, “Ele ferirá a terra com o bastão da Sua boca, e com o sopro dos Seus lábios matará o ímpio”<sup>34</sup>. Esta é a ossatura bíblica do pregador evangélico ideal. Os cânones conciliares de Trento exaltam o apostolado da palavra e imprimem-lhe novo elã através de uma prece-tiva destinada a regularizar e aperfeiçoar a sua prática<sup>35</sup>. Recorde-se o trabalho profícuo de S. Carlos Borromeu (1538-1584), Arcebispo de Milão, e o de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), Arcebispo de Braga, ambos presentes no Concílio de Trento; o do dominicano Fr. Luís de Granada (1504-1588) e o de S. Juan de Ávila (1499-1569), apóstolo de Andaluzia. O século XVI e o seguinte serão, por sua vez, a idade de ouro da eloquência sacra na Europa católica; e, por envolvimento, a portuguesa ombreia com as que atingiram qualidade cimeira<sup>36</sup>.

O retrato físico e o perfil psicológico do Padre António Vieira, conhecidos através de vestígios narrativos credíveis, permitem descortinar quanto se ajustariam ao modelo do orador apostólico que a retórica humanista e eclesiástica teorizavam, sem que, no entanto, nenhuma imagem pictórica ou esculpida lhe fosse tomada em vida. Parece mesmo que a tal resistiu a sua humildade, embora tenha havido, ao tempo, diligências nesse sentido. A propósito, o confrade e seu biógrafo André de Barros escreveu: “Quiseram tirar um retrato seu [de Vieira], para que assim se afirmasse melhor entre os homens sua memória, e tivessem a fortuna de vê-lo pintado ao natural, os que não tiveram a de vê-lo em sua própria pessoa; mas nem respeitos, nem rogos de muitos, nem as importunações de um pintor célebre o puderam dobrar, a que nisto

32 At 4, 19.

33 2Tm 4, 2-4.

34 Is 11, 4.

35 Sessio V (17 iun. 1546): “Decretum secundum: supra lectione et praedicatione”, in *Les Conciles Oecuméniques, t. II. Les Décrets. Trente à Vatican II*, dir. G. Alberigo, Paris, Les Éditions du Cerf, 1994, pp. 667-670.

36 Sobre a pregação e pregadores portugueses na Época Moderna, ver João Francisco Marques, “Oratória sacra ou parenética”, in *Dicionário de história religiosa de Portugal*, dir. Carlos Azevedo, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 482-497.

consentisse. Só no insensível de morto deu lugar a estas sombras de vivo; porque pouco antes de esconderem na sepultura o original, se procurou tirar uma cópia, para que não ficasse enterrado com o protótipo a sua natural figura”<sup>37</sup>.

Na tradição, todavia, continuaram verosimilmente a circular, em Portugal e no Brasil, testemunhos para aceitar-se por verídica a imagem do inaciano traçada, meio século decorrido, por este mesmo biógrafo com sua pena barroca: “Foi o padre António Vieira de não pequena estatura, como se até no corporal quisesse formar a natureza mais que ordinária habitação àquele grande espírito; o rosto comprido e majestoso; nariz aquilino; boca proporcionada; muita barba; o cabelo na idade vigorosa preto; todo branco na velhice; a cor morena; olhos sobremaneira vivos e que parecia cintilavam”<sup>38</sup>.

Este perfil físico do jesuíta, que, no púlpito, avultaria dominador e digno, seduzia os ouvintes pelas entonações que imprimia à voz<sup>39</sup>. Compreende-se, assim, o fascínio que a sua verve retórica provocou ao pregar na Capela Real, a partir de janeiro de 1642, desembarcado da Baía alguns meses antes. A fama, de imediato conquistada, condensou-a o contemporâneo D. Francisco Manuel de Melo, quando se refere ao moço a quem as fidalgas mandavam “lançar tapete de madrugada em S. Roque para ouvir”<sup>40</sup>. A menção, logo convertida em anexim, não apenas traduzia a qualidade do desempenho oratório do inaciano que arrastava aos templos de Lisboa, onde pregava, enchentes ávidas de escutá-lo, como também espelhava a importância social de que a parénese barroca mais credenciada desfrutava. Não era só, de resto, a magia retórica de toque teatral e o esplendor musical de certas solenidades litúrgicas a pressionarem a afluência de devotos e curiosos, mas a importância do sermão como meio de comunicação, na altura, de largo espectro. Inteira objetividade tem a anotação de Hernâni Cidade, evocando os fatores que, no barroco luso-brasileiro e hispano-americano, explicavam tais ocorrências, ao afirmar: “era o púlpito a única tribuna com certa liberdade, em tempo em que nem instituições parlamentares, nem salas de conferências, nem tertúlias de clubes ou salões, nem ambientes excitantes de botequins podiam altear, avolumar, comunicar a público mais largo do que os interlocutores de recolhido diálogo os comentários críticos à vida pública. Quanto se não pudesse dizer do alto

37 André de Barros, *op. cit.*, p. 380.

38 *Ibidem*, p. 409.

39 João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. I, pp. 67-68.

40 Francisco Manuel de Melo, *Cartas familiares*, pref. e anot. Maria da Conceição Morais Sarmiento, Lisboa, INCM, 1980, p. 330.

da tribuna sagrada, no pasquim clandestinamente afixado no muro ou à porta da igreja encontrava meio da momentânea explosiva expansão”<sup>41</sup>.

Assumindo-se como pregador evangélico, que contrapunha ao pregador cortesão, por si severamente atacado no “Sermão da Sexagésima”, podia justificar as incursões em temáticas de melindrosa gravidade política e social, pois, consciente de ser os “olhos da república e sentinela da casa de Deus”, via “as desatenções do governo, [...] as injustiças, [...] os roubos, [...] os descaminhos, [...] os enredos, [...] as dilações, [...] os subornos, [...] os respeitos, [...] as potências dos grandes, e as vexações dos pequenos, [...] as lágrimas dos pobres, os clamores, e gemidos de todos”<sup>42</sup>. À semelhança de Jeremias (Lm 2, 14) e Miqueias (Mq 2, 5-6), que bradavam aos governantes para se acautelarem dos videntes cortesãos que “tinham não só por ofício ver o presente; senão também ver o futuro”, mas que, “em vez de verem o que era, viam o que não era”, como novo profeta bíblico assistia-lhe autoridade para dizer: “abram os olhos os príncipes, e vejam quais são os olhos por cuja vista se guiam”. Os discursos sagrados que proferia com tais fins eram outras *fundas de Davi* destinadas a abater poderosos, a extirpar semeadores de imoralidades, a combater injustiças, a refutar erros doutrinários. A voz que lhes dava vida queria Vieira que atroasse as almas, qual “trombeta do céu” a incrementar guerra sem tréguas aos vícios: “Quando vejo que Deus me compra com todo o Seu sangue, não posso deixar de cuidar que sou muito; mas quando vejo que eu me vendo pelos nadas do mundo, não posso deixar de crer que sou nada”<sup>43</sup>, apostrofava no “Sermão da Quarta Domingo do Advento” de 1650, na Capela Real, perante o “católico, e nobilíssimo auditório”, cenário desses templos barrocos em que denunciava a tibieza dos ouvintes por serem não só de “Fé morta, mas embalsamada”<sup>44</sup>. Mais: procurava que a força ou *energia* da palavra de Deus se estribasse na coerência entre a verdade da doutrina anunciada e o testemunho público da *honesto vita* do pregador, fiel aos votos jurados na sua ordenação. Nem a pregação apostólica e frutuosa da Contrarreforma, a que os jesuítas zelosamente se entregaram, conhecia eficácia, se desta forma não fosse posta em prática. No “Sermão de Santa Teresa”, pronunciado a 15 de outubro de 1654, na Ilha de São Miguel, após o naufrágio nos mares dos Açores, vindo das missões no Maranhão para conseguir na corte de Lisboa as

41 Padre António Vieira, *Obras escolhidas*, pref. e anot. António Sérgio e Hernâni Cidade, vol. 10: *Sermões* (I), Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1954, p. VIII.

42 *Idem*, “Sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma”, na Misericórdia de Lisboa em 1669, in *Sermoens*, *op. cit.*, vol. I, p. 688.

43 *Idem*, *Sermoens*, vol. V, Lisboa, Miguel Deslandes, 1689, p. 133.

44 *Idem*, “Sermão da Quinta Domingo da Quaresma” [Lisboa, 1655], in *Sermoens*, *op. cit.*, vol. XI, p. 462.

medidas legislativas que entendia necessárias para a conversão dos índios, Vieira mostra quanto está animado de semelhante espírito ao afirmar que prega “com os olhos no Céu, com os olhos na terra, e com os olhos no Evangelho”<sup>45</sup>. E, meses depois, em 1655, no “Sermão da Sexagésima”, expressa com clareza e desassombro que esta deveria ser a preocupação maior dos pregadores apostólicos no púlpito: “não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e enfim todos os seus pecados”<sup>46</sup>.

Será, contudo, de reconhecer que o contágio do estilo cultista, pró-digo de “deleites e galas” e corrosivo do bom gosto, acabaria, de tão entranhado na retórica coeva, por tocar-lhe o engenho, a ponto de, contraditoriamente, fazê-lo cair nos pecadilhos engenhosos que com veemência condenava.

### ELOQUÊNCIA BARROCA E PREGAÇÃO EVANGÉLICA

Homem de causas, inconformado e interativo, como hoje se diz, o motivo altruísta que o trouxera das paragens maranhenses a Portugal permitiu-lhe ver, com a indignação pormenorizada no “Sermão da Sexagésima”, quanto grassava nos púlpitos da capital do reino o novo estilo retórico que Baltazar Grácian teorizara<sup>47</sup>. Orquestrado, com indesmentível aplauso, pelo dominicano Fr. Domingos de São Tomás (1607-1675), assumiram-no numerosos seguidores sem chama criativa que se limitavam servilmente a recitar discursos alheios, escutados ou lidos<sup>48</sup>. Insurgindo-se contra o que constatava, profere na Capela Real, a 19 de fevereiro de 1655, credenciado pelo estatuto de Pregador Régio, o dito sermão que desencadeia larga polémica<sup>49</sup>.

Ao referir-se à instrução dos príncipes e sua emenda, assunto tratado nos púlpitos de então no espaço ibérico e transalpino, D. Francisco Manuel de Melo talvez pretendesse estender os reparos críticos ao que, na altura, se verificava em Lisboa, no passo do *Hospital das Letras* em que

45 *Idem*, *Sermoens*, vol. IV, Lisboa, Miguel Deslandes, 1685, p. 251.

46 *Idem*, *Sermoens*, *op. cit.*, vol. I, p. 84.

47 Jesuíta espanhol (1601-1658), publicou, em 1642, a *Arte de ingenio, tratado de la agudeza* (segunda edição revista e aumentada em 1648), com que pretendia criar uma disciplina, isto é, uma retórica destinada a formar conceitos e “agudezas” ou artificiosos raciocínios. Ver Fernando Lazaro Carreter, “Gracián Baltazar”, in *Diccionario de literatura española e hispanoamericana*, t. I (letras A-M), dir. Ricardo Gullón, Madrid, Alianza Editorial, 1993, pp. 664-666.

48 João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. I, p. 265; António do Rosário, *Escritores dominicanos: século XVII. Com obras menores*, vol. I/II (letras B-J), Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português, 1995, pp. 159-163.

49 João Lúcio de Azevedo, *op. cit.*, vol. I, p. 265.

anotou: “sempre tive azar com os pregadores quando, por inculcarmos do púlpito quatro máximas que os principais já sabem e desprezam, se divertem do seu principal ofício e instituto que é aproveitar às almas e mostrar-lhes o caminho da emenda”<sup>50</sup>. Alargando o comentário, equipara a tribuna sagrada a um “confessionário moral”, por serem ali as nossas culpas desnudadas e verberadas em público, e acentua: “Nesse lugar deve a verdade, o zelo e inteireza derramar sobre os vícios públicos os óleos santos da repreensão suave e discreta, de sorte que os delitos do mundo fiquem modificados e não inculcados, corridos antes que manifestos”. Ajunta, a seguir, dirigindo-se aos leitores: “Porém, como queres que se admita e louve (*que*) alguns desses oradores evangélicos (se há alguns) desviando-se do seu alto instituto e lembrado do que só devia esquecer-se, arraste pelos cabelos os lugares santos e interpretações piedosas da Escritura Sagrada para os fazer cúmplices de seu capricho, donde vão a servir com não menos riscos que violência?”<sup>51</sup>.

E aqui, de forma ambígua ou transversal, talvez por pretender visar o que ocorria no país, adianta um caso ocorrido em Itália, sem descer, no entanto, a pormenores de nome, tempo e lugar. No púlpito, menciona, ouviam-se “cada dia e cada hora mil doutrinas políticas inculcadas incompetentemente”<sup>52</sup>. Razão esta por que “andava por lá estampado um notável sermão de um também notável pregador dos vossos, donde sobeja austeridade, e se causam e castigam os pregadores modernos à reveria”<sup>53</sup>. Discorda D. Francisco Manuel de Melo não da reta intenção do autor da reprimenda, mas apenas de haver sido feita em público, porque, insiste, “o fim da repreensão não é o escândalo e que essa deve ser ministrada primeiro secreta e depois pública, ambas, porém, por pessoa pertencente e modo discreto [comedido], de tal sorte que repreender um pregador é manifesta incompetência por ser cousa que só pudera e devera fazer um concílio; e repreender com uma pregação os pregadores antes lhe serve de calúnia de que de emenda”. Ao que, em jeito axiomático, acrescenta: “quanto mais *que* parece toca de temeridade inculcar por sofisticada a doutrina comum dos mais oradores cristãos, do que *lança* mão o povo malévolos, porque se consegue, por intercessão da malícia humana, primeiro nos ouvintes o desprezo que nos pregadores a melhora”<sup>54</sup>.

50 Francisco Manuel de Melo, *Le dialogue “Hospital das Letras” de D. Francisco Manuel de Melo*. Texte établi d’après l’édition *princeps* et manuscrits, variantes et notes par Jean Colomé, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1970, pp. 114-115.

51 *Ibidem*, p. 116.

52 *Ibidem*, p. 117.

53 *Ibidem*.

54 *Ibidem*, p. 118.